

João FORMOSINHO, Joaquim MACHADO & Júlia OLIVEIRA-FORMOSINHO. *Formação, Desempenho e Avaliação de Professores*. Mangualde: Edições Pedago. 2010.

126 pp.

ISBN: 978-972-8980-89-4

Rosa Bizarro

rpbizarr@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Centro de Investigação em Educação (Portugal)

Publicada em Março de 2010, pelas Edições Pedago, a obra que aqui me proponho apresentar é da autoria de três investigadores bem conhecidos no mundo da Educação, em geral, e da Formação de Professores, em particular: João Formosinho, Joaquim Machado e Júlia Oliveira-Formosinho. O primeiro é professor catedrático da Universidade do Minho e actual presidente do Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua; o segundo, professor do 2º ciclo do Ensino Básico e colaborador da Universidade do Minho e da Universidade Católica Portuguesa em cursos de mestrado e doutoramento; a terceira, professora associada da Universidade do Minho, vice-presidente da Associação Criança e membro da direcção da ECERA (Associação Europeia de Investigação em Educação de Infância). Todos eles, autores de inúmeras publicações sobre a formação de professores e a aprendizagem, entre outras temáticas afins.

Esta publicação que tem por objectivo “trazer para a reflexão e o debate a condição do professor, sublinhando o desenvolvimento profissional enquanto prática social e a importância da aprendizagem interpares para a transformação das práticas profissionais, assumindo a investigação-acção um papel valioso na construção de conhecimento prático relevante” (como se pode ler na contracapa) encontra-se organizada em cinco capítulos, antecedidos de uma *Apresentação* de 3 páginas e seguidos de 3 quadros (pp. 119 a 126), cujo carácter sintetizador sublinho: *Quadro I – Perspectivas de avaliação dos professores; Quadro II – Avaliação de desempenho versus avaliação de mérito; Quadro III – Algumas pistas de solução.*

Os cinco capítulos referidos são:

- Capítulo I – *Docência, interacção pessoal e desenvolvimento humano* (da autoria dos três autores citados);
- Capítulo II – *A mobilidade docente compulsiva como obstáculo ao desenvolvimento profissional das educadoras de infância* (de Júlia Oliveira-Formosinho);
- Capítulo III – *Contextos burocráticos e aprendizagem profissional* (de João Formosinho e Joaquim Machado);

- Capítulo IV – *Os professores e a diferenciação docente – Da especialização de funções à avaliação de desempenho* (de João Formosinho e Joaquim Machado);

- Capítulo V – *Desempenho, mérito e desenvolvimento – Para uma avaliação mais profissional dos professores* (de João Formosinho e Joaquim Machado).

No final de cada capítulo, é apresentada a bibliografia (actual e pertinente) referenciada. Os três primeiros capítulos estão organizados de idêntico modo (Introdução, pontos de desenvolvimento e umas breves conclusões), faltando, a meu ver, aos dois últimos e à obra, em geral, uma conclusão que reforçasse os principais enfoques das problemáticas abordadas e/ou a opinião dos seus autores.

Sublinhando, no Capítulo I, a importância das profissões de desenvolvimento humano (como é o caso da dos professores), para as quais defendem uma perspectiva construtivista e reflexiva de aprendizagem profissional, na senda de David Schön (1992), os autores associam, com toda a pertinência, a necessidade de uma forte articulação entre investigação-reflexão-acção e defendem que o conhecimento científico relevante para a formação de profissionais do desenvolvimento humano deve dialogar com outras formas de conhecimento (Sousa Santos, 1989), ancorando-se, inclusivamente, no conhecimento do quotidiano e da experiência do terreno.

No Capítulo II, a autora põe em relevo os efeitos (negativos) da mobilidade docente compulsiva de educadoras de infância, sublinhando o cansaço, a desmotivação e o desespero que uma mobilidade não desejada acarreta. Enfatizando a importância do ambiente da escola (Zabalza, 1991) para a construção de um modelo didáctico que envolva a comunidade em que a escola se insere, sustenta-se que a mobilidade forçada impede a interacção continuada com os encarregados de educação/ pais e a comunidade, afecta a continuidade da acção educativa, o próprio diálogo com os pares da escola básica mais próxima e conduz ao isolamento profissional, o que acaba por ter repercussões indesejáveis na sala de aula. Registe-se que a modalidade de concurso para recrutamento de professores actualmente em vigor (que não foi referida) será um meio possível para atenuar estes problemas.

No Capítulo III, os autores orientam as suas reflexões, de modo particular, para os professores e a sua relação com a escola, assumindo esta como “instituição da modernidade, organizada segundo padrões técnico-burocráticos comuns às grandes organizações sociais (...), que existe para lá da acção dos professores.” (p. 51). A escola é, assim, apresentada como organização burocrática (na linha de Weber, 1984) e “produtora” (Planchard, 1979), conduzindo, muitas vezes e exactamente por isso, os professores para a *não-acção*. Criticando a existência de uma escola “centralizada” (em que tudo é definido, previamente, pelo Governo, sem atentar às especificidades próprias de cada realidade, e onde se faz a defesa veemente da uniformidade – de normas, de espaços, de tempos, de meios, de *curricula*, de professores e de alunos...), os autores repudiam “a inovação por decreto, cujo modelo se baseia na filosofia de que no topo se inova e na base apenas se executa” (p. 60), bem como a apropriação burocrática do currículo (pp. 62-64), concebido “como um projecto formulado, de forma abstracta,

para alunos, professores e contextos médios” (Pacheco, 1996: 249), na certeza de que “manter a igualdade de tratamentos uniformes para públicos diversos – mais não tem feito que acentuar perigosa e injustamente as mais graves assimetrias sociais.” (Roldão, 1999: 50).

Se a escola concebida burocraticamente acaba por levar o professor (conformado) a perspectivar o princípio da uniformidade como a “salvaguarda de uma igualdade de tratamento impeditivo de qualquer favoritismo ou tratamento privilegiado a certos professores” (p.72), o certo é que, nela, o professor inovador não é tido em boa conta, o que, manifestamente, conduz o exercício da docência “à resignação, à inércia, à complacência relativamente a todas as normas, ao consenso forçado, à submissão, abrindo caminho ao queixume, ao ressentimento, à inveja.” (p. 74)

Cientes da urgência de olharmos a escola para além do “modo burocrático” que a caracteriza, os autores lançam o apelo de a formação de professores dever associar-se a processos de mudança nos contextos de trabalho e sustentam que “a mudança de que carecem a escola e a pedagogia é mais paradigmática que programática” (p. 74), necessitando, por consequência, de lógicas de acção distintas da lógica burocrática.

No Capítulo IV, partindo da premissa mediante a qual a escola de hoje (pela universalização do ensino e o alargamento da escolaridade obrigatória) se tornou mais complexa, os autores sublinham o carácter exigentemente multifacetado que caracteriza a actividade docente, nos nossos dias.

Revisitando diferentes concepções de docência (a missionária, a militante, a laboral, a funcionarista e a profissional), os autores referem a falência do discurso normativo do superprofessor e sublinham a emergência da necessidade de especialização, para que a escola de massas cumpra as suas diferentes funções, sem transformar em responsabilidade de cada professor os encargos institucionais que tem.

Da diferenciação da função docente é, assim, questão este capítulo, sem, contudo, se esquecer a importância do trabalho colaborativo na escola de massas que é a nossa. Decorrente, muitas vezes, de exigências normativas, a diferenciação da função docente é trabalhada também à luz da verticalização da carreira docente, debruçando-se os autores sobre, entre outros aspectos, a fabricação burocrática dos professores titulares, tendo em vista a avaliação do desempenho de outros docentes.

De “desempenho, mérito e desenvolvimento” dos professores trata o último capítulo desta obra, nele se fazendo um importante historial sobre a avaliação docente de 1989 a 2009. Lançando desafios incontornáveis para o entendimento e a prática desta questão, distinguindo a avaliação para controlo do cumprimento dos deveres profissionais (mais baseada em aspectos administrativos) da avaliação de factores profissionais conducentes ao progresso, este capítulo traz para o debate, de modo inequívoco, o desenvolvimento profissional do professor.

Em suma, da escola que temos (e, logo, da que queremos vir a ter), dos professores que somos (e, logo, que queremos/podemos querer ser) nos fala esta obra. Problematicadora, nas questões que levanta e no modo como as aborda, de

uma realidade que diz respeito ao desenvolvimento humano e social, na busca de actores mais informados, mais conscientes, com capacidade de intervenção crítica fundamentada, esta publicação vem ocupar um lugar de destaque na compreensão/discussão de temas tão importantes como os que invoca no seu título: Formação, Desempenho e Avaliação de Professores. As cadeiras vazias que ilustram a capa (de Márcia Pires) desta 1ª edição serão, certamente, a metáfora do convite a que esta discussão tenha lugar.

Dando-nos destas matérias uma visão reflexiva, ancorada na realidade, com enfoques multidisciplinares de referência, estou certa que a relevância deste estudo ajudará o leitor a repensar a condição docente, nos nossos dias, e a compreendê-la melhor.

Recebido em Abril de 2010; aceite em Maio de 2010.

REFERÊNCIAS

- Pacheco, J. A. 1996. *Currículo: Teoria e Praxis*. Porto: Porto Editora.
- Planchard, E. 1979. *Introdução à Pedagogia*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Roldão, M. C. 1999. *Os Professores e a Gestão do Currículo. Perspectivas e Práticas em Análise*. Porto: Porto Editora.
- Schön, D. 1992. *La formación de profesionales reflexivos: Hacia un nuevo diseño de enseñanza y el aprendizaje en las profesiones*. Barcelona: Ediciones Paidós / Ministério de Educación y Ciencia.
- Sousa Santos, B. 1989. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Porto: Edições Afrontamento.
- Weber, M. 1984. *Economia y Sociedad. Esbozo de Sociología Comprensiva*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Zabalza, M.A. 1991. El ambiente desde una perspectiva curricular. *Revista Portuguesa de Educação*. **4** (1): 5-23.